

## CARACTERÍSTICAS

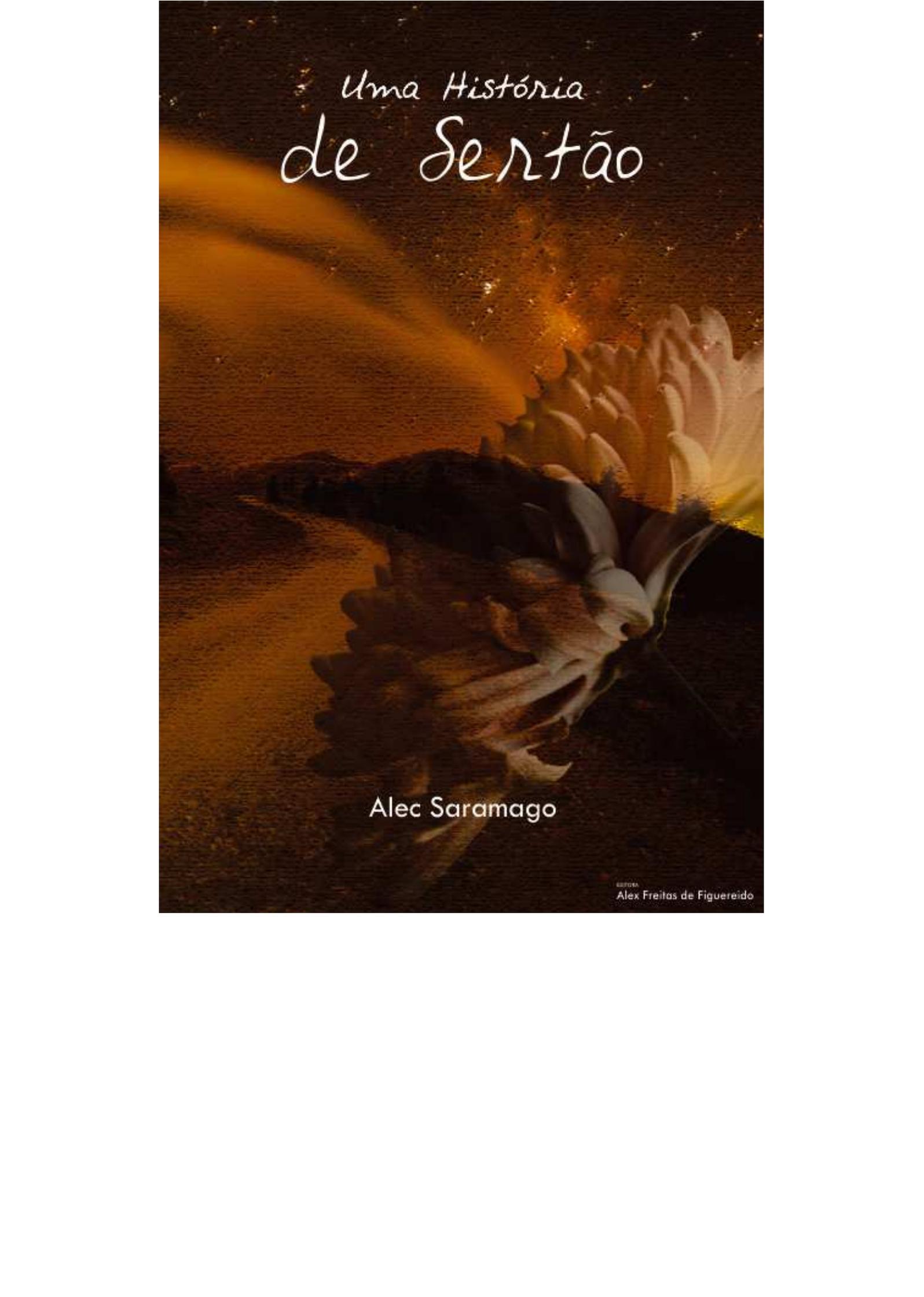
Livro / conto

66 paginas

Capa especial, colada.

Existência de 2 orelhas.

Tamanho: 21x14 (A x L)



Uma História  
de Sertão

Alec Saramago

editora  
Alex Freitas de Figueiredo



# **UMA HISTÓRIA DE SERTÃO**

Este livro foi selecionado pelo edital Apoio à Edição de Livros de Autores Baianos, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, através da Fundação Pedro Calmon, e foi publicado com recursos do Fundo de Cultura.

**ALEC SARAMAGO**

**UMA HISTÓRIA DE SERTÃO**

**SALVADOR  
ALEX FREITAS DE FIGUEIREDO  
2011**

COPYRIGHT © ALEC SARAMAGO  
DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS A CIA BELUNA E ED. ALEX  
FREITAS DE FIGUEIREDO.

Realização  
**BELUNA**

Editora  
**ALEX FREITAS DE FIGUEIREDO**

Coordenação Editorial - Produção Executiva – Revisão Geral  
**NATAN DUARTE**

Capa - Ilustração  
**MARCELO SANTOSTO / MARCOS GUIMARÃES SANTOS / NATAN  
DUARTE**

Arte – Projeto Gráfico - Diagramação - Organização  
**MARCOS GUIMARÃES SANTOS**

Revisão  
**THIAGO REBOUÇAS**

Foto Do Autor  
**ARTHUR BRITTO**

Impressão  
**EGBA**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Saramago, Alec

Uma História de Sertão / Alec Saramago. – São Paulo:

Alex Freitas de Figueiredo, 2011.

**ISBN - 978-85-912891-0-3**

1. Contos brasileiros 1. Título.

**CDD – 869.93**

---

Índices para Catálogo Sistemático:

1. CONTOS: LITERATURA BRASILEIRA 869.93

Impresso no Brasil - *Printed in Brazil.*

Obra em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TER CORAGEM DE SONHAR OS SONHOS MAIS PUROS É PERMITIR-SE  
POSSUIR UM CORAÇÃO SORRIDENTE.

Alec Saramago



À minha mãe e amiga Irá, que me ajudou a amar os livros desde menino; aos meus irmãos Erón, Luís e Doridene pela energia que emanam; aos amigos queridos Inácio Deus, Sandra Lunna, Armando Brazolim, Dorí Miranda, Natan Duarte e Iasmine Menezes – sem o ninho de vocês eu jamais teria ficado nesta cidade; à Cia Beluna, minha turma do coração – conquistamos juntos este pedaço de estrada, mais uma de nossas pegadas de beleza e poesia no caminho da vida.

Amo todos vocês!



Ao meu filho de alma Arthur Britto...

Leve seu sonho gigante até o fim de sua existência rapaz!

Quem faz o caminho de felicidade é você!

A todos os que possuem um sonho tão grande  
quanto os seus corações.



\*\*\*

Foi numa noite de primavera, entre pios de coruja agoureira, coaxar de sapos na lagoa e o estalar da madeira na fogueira, que me recordei de um caso, contado há muitos e muitos anos lá pelas bandas do fim do Nordeste, sobre a história de um garoto esperto que um dia resolveu ganhar mundo em busca de um desejo muito necessitado de sua alma, desejo este tão gigante, mas tão gigante, a ponto dele nem mesmo saber qual era.

Lembro- me bem de ter visto nos olhos dos meus netinhos, todos ainda pequenininhos, brilho parecido com o das estrelas, misturado com lampejo de fogueira e de curiosidade, quando ali na noite de lua cheia, comecei a narrar a saga do menino buscador de seu anseio.

Num repente, a noite inteira se calou, espreitando seus ouvidos frios para também escutar aquela famosa narrativa de um passado não tão longínquo, de terras não tão distantes, mas de um tempo memorável, em que o caminho mais profundo se percorria com olhos bem fechados.

A corujinha silenciou, os sapos cessaram sua cantoria e até as chamas vermelhas passaram a chiar bem baixinho a fim de prestar atenção às minhas narrativas.

Com toda a pompa e seriedade próprias de um velho e bom contador de histórias, pigarreei sonoramente e iniciei com um belíssimo “Era uma vez...”



**...UMA HISTÓRIA DE SERTÃO”**



Num lugar lá pelas paragens de um sertão vermelho, numa baixada onde cactos prateados cresciam, uma vila de casinhas coloridas, desbotadas pelo sol severo de um verão quase sem fim.

Ali, nasceu um menino diferente, inquieto e curioso que queria conhecer o mundão à sua frente, pensando ser pra lá de sua terra o lugar onde algo sempre espera, para dar felicidade. Mas nunca sabia onde era.

Cresceu assim, sentindo uma falta imensa. Querendo chegar aonde tudo se alcança. Olhava o horizonte seco, os dias sem chuva, a poeira nos açudes, as árvores nuas desnutridas, sem entender a alegria de sua gente, esquecida ali de pé descalço no chão rachado, recebendo sol no couro ressecado, esperando aguaceiros que quase sempre lhes faltavam. Não compreendia de seu povo a alegria, sua devoção aos santos, suas cantorias, seus festejos repletos de emoção. Era um menino emburrado com aquela situação.

Sua felicidade consistia apenas em deitar debaixo do imbuzeiro por horas a fio, para tramar e sonhar com o dia quando ganharia os tabuleiros pela estrada a fora e sumiria numa curva de poeira e vento. Carregava no peito a vontade de encontrar o maior tesouro do mundo, algo muito precioso que não possuía e pensava jamais poder encontrar ali, naquela vila de vidas secas.

Aprendeu a ler com a mulher de um antigo senhor fazendeiro, uma gente rica da selva de pedra conhecedora do mundo inteiro, que a ele muita sabedoria ensinou. Esse moleque pode

ser doutor, dizia o fazendeiro que ao menino apadrinhou. Quando ele tiver certa idade, virei buscá-lo pra morar na cidade. Por causa do tempo seco o casal rico nunca mais ali retornou, mas numa carta todo mês dinheiro naquela vila chegou, para sustentar o menino inteligente.

Como herança menos urgente, nem por isso menos importante, foi deixada uma grande caixa repleta de livros, de onde o garoto muito criativo, tirava das páginas mil viagens, construindo miragens de um planeta ainda distante do seu. Um mundo existente fora das fronteiras de sua terra natal. No futuro, alcançar este mundo não seria mal. Só que antes disso ele tinha algo a fazer. Mas o que era isso, ainda pouco podia saber, porque nem os livros conseguiam para ele dizer.

Um dia, aos doze anos de idade, entre os galhos pelados e sem frutos da árvore amiga, gritou a plenos pulmões - um pouco para si, um pouco para o imbuzeiro: - Vou-me embora desse lugar quando fizer dezoito anos e me emancipar. Vou rodar este planeta pra toda sorte alcançar. E quando daquelas terras o meu tesouro encontrar, vou voltar pra meu sertão e vida nova semear!

Planejou partir dali, sem saber pra onde, ou mesmo o que buscar. Planejou partir sem mapas, sem rumo, sem ter aonde chegar. Apenas no cavalo do seu coração poderia cavalgar. Carregaria somente uma sacola de pano e seu peito magro recheado de sonhos, cavaleiro errante em busca de seu enigma risonho.

Fosse por onde fosse acreditava poder seu desejo realizar...

Um sol criança veio cutucar o nosso amigo bem cedo, tocando-lhe os olhos fechados com seus dedos, sorrindo-lhe de boca azul sem dentes. Não havia uma nuvem sequer.

O rapaz tirou da sacola de pano um pedaço de pão seco, bebeu um pouco de água, espreguiçou-se novamente. Olhou ao seu redor. O vento vinha quebrar o silêncio brincando com os galhos das árvores. Nenhum outro barulho se ouvia.

Quanto tempo havia andado não sabia. Muitas horas, tantas léguas, outras milhas. Sem encontrar alma viva ao longo do caminho.

Ergueu-se. Na distância avistou uma serra. Naquela direção andaria. Queria ver o mundo do alto.

Retomou sua caminhada impetuosamente, de cabeça erguida. Naquele momento tudo fácil lhe parecia, o grito de liberdade da sua juventude lhe dizia: Siga em frente, nada será impossível. E assim ele foi seguindo.

Andou, andou, andou. O sol criança no céu continuou sempre o acompanhando da borda do horizonte. Depois, a estrada em duas se tornou, bem no lugar onde rosas bravas, de pétalas transparentes, floresciam bravamente, alimentando-se da saudade da última chuva que ali, há muitos anos passou.

Ficou por uns instantes parado, tentando escolher qual dos lados deveria então seguir. Ouviu surpreso atrás de si o som de passos, passos lentos e arrastados de algum estranho viandante. Quem seria aquele outro viajante,

passando pela mesma jornada?

Ao virar o rosto na direção oposta, encontrou o triste olhar de uma velha vestida em trapos escuros, cabelos desgrenhados e sujos, como uma bruxa surgida do nada. Depois de um leve cumprimento de cabeça a velha simplesmente perguntou: - Meu rapaz, pra que lado eu vou?

O viajante assim se atrapalhou. Nem mesmo ele sabia qual dos lados seguir, como poderia decidir a senda que ela tomaria? A senhora não sabe aonde vai? Ele apenas retrucou.

- Alguém sabe para onde finalmente vai meu filho? - perguntou a velha sem esperar resposta. – Se eu soubesse nem aqui teria vindo. Só sei que vou em busca de um destino, mas nem sei ao certo qual. Devia ter feito isso quando era ainda jovem, porém esse meu peito tão pobre, sofre ainda por ter desistido, de encontrar o que me faltava.

- Eu também estou em busca de preencher este vazio. – disse o rapaz

- Feliz de você que é somente um menino, e resolveu buscar resposta bem cedinho. Agora, eu mesma vou-me indo.

Começou a tomar o caminho da esquerda vagarosamente. Carregava no braço com dificuldade uma caixa de madeira pesada, enfeitada de motivos dourados. O rapaz curiosamente lhe fez uma última pergunta:

- O que leva nesta caixa?

- Nada sei sobre seu conteúdo, respondeu ela. - Quem me

deu, dias atrás nessa caminhada, vinha de outra direção na estrada e me disse para abrir a caixa quando estivesse eu mais precisada.

Desejou por fim sorte ao rapaz e continuou sua jornada...

Rumo ao paredão imponente, com um sorriso, bem contente, pegou a senda da direita o nosso jovem caminhante. Andou mais algumas léguas e pouco a pouco aquela serra, agigantou-se à sua frente.

Mais adiante, arregalou os olhos com atenção. Seria aquilo uma visão? Mas era uma grande procissão, serpenteando nas encostas, subindo rumo ao espigão. “Eu vou para mesma direção!”, pensou ele arreganhando os dentes, pois ficara bem mais contente, de ter encontrado tanta gente, em sua andança de solidão.

Ficou sabendo que a procissão ao topo da montanha mais elevada subia, rumo a uma caverna onde existia um santo sentado numa pedra, no meio de milhares de velas, que nunca nesse mundo se apagavam. O santo há anos vivia sentado, sem sede, sem fome, sem demonstrar cansaço, curando enfermos, desenganados, resolvendo questões impossíveis, qualquer coisa de que um coração realmente precisasse.

O rapaz ficou intrigado, tinha uma questão quase impossível, uma questão muito difícil, necessitava entender. Seguia um rumo desconhecido, buscava algo muito importante, sem saber em nenhum instante o nome do seu tesouro escondido. O santo poderia lhe responder? Era isso que ele queria saber.

Subiram cantando e rezando, subiram rezando e cantando – o rapaz ia só olhando, quanta fé naquela multidão. Mas cadê fé pra trazer o pão? Por que tanta dor nesse sertão? Ele sempre duvidava da crença da população. Porém queria ver o tal santo, queria experimentar seu encanto.

Chegou ao lugar esperado, na entrada da caverna, onde flores cresciam abundantes na encosta sempre verdejante e cabritos gorduchos pastavam na relva – eram flores coloridas numa grande profusão. Crisântemos, orquídeas, dalias, margaridas, pingos-de-ouro delicados; hortênsias, violetas, papoulas, brincos-de-princesa, jasmims-azuis perfumados.

Explicaram ao viajante, a respeito da chuva da hora certa - num determinado instante, as portas dos céus eram abertas, quando o santo homem erguia suas mãos velhas, a chuva corria abundante. O rapaz imediatamente lançou a seguinte questão: por que ele não faz chover no meio da seca? Alguém respondeu na multidão: cada um receba o que mereça, nesse mundo de expiação.

No interior da caverna, quieto na sua pedra, estava o mago com um sorriso. Por toda parte milhares de velas iluminavam o recinto, sem sinal de derretimento. Pelas paredes e no piso de pedras, por onde os romeiros passavam sem dar atenção, luziam centenas de pontos brilhantes, os quais do rapaz encheram a visão – eram gemas preciosas numa grande profusão. Rubis, safiras, topázios, turmalinas, cristalinos diamantes; berilos, águas-marinhas, ágatas, ametistas, esmeraldas verdejantes. Porém os olhos dos romeiros fitavam apenas o mestre de brancas barbas abundantes.

Ele a todos abençoava, a todos ele curava, ao simples toque do seu dedo. Quem dele se aproximava como antes jamais retornava, saía dali satisfeito.

Na fila para ser abençoado o rapaz se colocou, chegada a sua vez o santo seu olhar fitou, para surpresa e comoção de todos ao olhar para ele se levantou. Da caverna, um murmúrio de espanto pelo espaço ecoou.

Meu filho – disse o velho vidente – Sua busca nessa vida é coisa mais bonita do que qualquer outra que há. Tudo de que você precisa, tudo de que necessita, encontra-se num único lugar que eu não posso indicar, pois você é seu próprio indicador. Não tem remédio nem doutor, pra te fazer por lá chegar. Quando sair desta caverna, abra seus olhos bem abertos, procure na caatinga um brilho incerto e seu coração te levará aonde deve finalmente se aquietar. Agora meu filho, vá embora sem hesitar.

Da entrada da caverna o jovem aventureiro percorreu os olhos na caatinga esturricada, dali pouco se avistava, além da pele nua da seca e montanhas muito além daquele lugar. Passou o olhar para além da antiga estrada, do outro lado onde quase havia nada, um brilho estranho chamou sua atenção. Seria alucinação? Era algo bem distante, no meio do mato parecia um clarão.

Devia seguir naquela direção...

Meteu-se caatinga adentro deixando a estrada para trás. Chegar ao brilho intenso sabia ser bem capaz, pois era rapaz de muita coragem e força. No meio do céu sem nuvens, o sol adulto ficara; sem clemência sobre ele lançava seu calor intenso de braseiro aceso. Um trovão leve no ar ribombou, deixando nosso amigo assustado, porém o céu se encontrava todo azulado, nenhuma nuvem no firmamento se chocou.

No segundo trovejar, foi que ele se apercebeu – não era barulho no ar, era somente o roncar de seu estomago cheio de vento. Era hora de almoçar seu último pedaço de pão bolorento. A água depois disso se acabou.

Ficou uns instantes debaixo das sombras de uma grande pedra tentando descansar. Cochilou um minuto. Acordou com o estampido de um tiro - a bala veio certa a pedreira furar, bateu bem perto de sua assustada cabeleira.

De dentro das palmas que refletiam a cor do céu, a voz brava de uma mulher se fez ouvir:

- Diga logo forasteiro, o que vem fazer nestas bandas daqui? Esta terra tem dona e vou logo avisar, ninguém pisa neste chão sem morrer ou pedágio pagar.

E num repente, dançando de faca e espingarda nas mãos, foi se apresentando, e ao tempo em que raspava a terra com a faca a Cangaceira mandou o estranho se identificar depressa. Mas não é que o tal do Andarilho se levantou e também num repente se apresentou?!

A valentia do rapaz à Cangaceira surpreendeu. Ela assim pensou: “Esse é dos meus”, percebendo que ele sequer estava armado.

- Eita menino danado meu padinho Padre Cícero! Esse merece passar sem ser incomodado. Segue em frente o seu caminho menino danado! – gritou ela num riso animado.

O andarilho com um solene cumprimento agradeceu. Sem demora sua caminhada novamente empreendeu. Meteu-se pelo meio da vegetação ressecada...

Um mormaço forte subia da terra, parecendo o bafejar de Ferrabrás; um calor bravo como os infernos, parecendo a casa de Satanás. O sol batendo horas a fio atrapalhou a cabeça do rapaz. Era cansaço, era sede, era fome e tudo mais. No braseiro do meio-dia, a situação ficou foi difícil demais.

Sem comida, sem água, sem teto, sem parada. Da quentura do chão em brasa, mais adiante uma miragem subia. O capeta em trajes de gala até que de longe parecia. Ou era a cabra fantasma devoradora de gente que lá das profundas subia? Apurando bem os olhos coisa nenhuma se percebia. Apenas quentura da seca na cabeça miragem construía.

A fome foi apertando e o rapaz desesperando - como um problema desse ele iria resolver? – Qualquer desafio poderia vencer, mas pra barriga vazia o único jeito existente era comer. Sua sacola de pão estava vazia, ainda por cima o sol do meio-dia, parecia nunca mais esmorecer.

A sede foi piorando, na barragem de sua garganta seca. Nem uma gota de água, nenhuma folha de palma, nem de longe uma casa com cacimba. Seria esta a sua sina? Morrer de fome e de sede?

Cambaleando, passo a passo o corpo fraquejando, sentou debaixo de um velho juazeiro. Lá em cima, que nem urubu rondando carniça, bicho esperto chegou na espreita, pairou sorrateiro no galho mais alto, ficou esperando a hora certa. O almoço da rapineira logo ficaria pronto.

- Carcará... Carcará... Carcará!

O jovem, olhando vagarosamente para cima, ficou assustado. Sentia-se muito fraco. Sem alimento iria mesmo padecer. O pássaro rapineiro não demoraria até ele descer. Foi sentindo uma dormência, um sono profundo dentro dele latejando, a vista inteira foi logo se turvando, fez deitar sobre ele escura cortina e o dia iluminado foi transformando-se em noite enegrecida. A hora da Morte finalmente o alcançou.

Das escuras brumas muita gente lhe acenava, no cumprimento solene dos que do outro lado se encontravam, mandados para guiá-lo em sua nova e descansada vida. Contudo, ele ficou ali parado, na porta do além - era ainda muito jovem. Morrer sem alcançar o maior desejo não podia trazer alegria pra ninguém. Fincou o pé na nuvem, pediu uma audiência com alguém, qualquer um capaz de resolver sua situação. Ele tinha decisão. Morrer naquela hora não iria não.

De lá de dentro veio vindo uma figura encapada. Deixava a impressão de estar meio contrariada, movimentando sem parar uma das mãos, na outra carregando um pesado bastão. Era a Morte chegando a fim de resolver a questão.

- Vamos entrando menino, eu pouco tempo tenho, para aturar qualquer tipo de lamento. A sua hora simplesmente chegou.

- Quem disse que eu vou me lamentar minha senhora? Eu quero é resolver agora a minha volta lá para a terra dos vivos. Se meu caso não puder ser resolvido, aqui na porta do céu mesmo eu fico!

Armou-se uma imensa confusão.

Dona Morte ficou bastante irritada, a fila atrás deles só aumentava, ouviu-se logo todo tipo de reclamação – o pessoal impaciente para adentrar o portão. O rapaz completamente intransigente queria voltar lá pra baixo, queria continuar entre os vivos. “Esse moleque é terrível”, berrou a Morte com a mão na cabeça.

Um anjo se aproximou a fim de saber qual era o acontecido, por que a fila imensa, a balbúrdia, o alarido. A ordem necessitava ser reconduzida. A tnhosa ficou ainda mais aborrecida. Imagina a sua desmoralização, se Deus mesmo viesse pra resolver a questão. Alguém lá dentro gritou para chamarem Santo Expedito, o santo da causas impossíveis, mas a encapada respondeu:

- Meta-se naquilo que é seu! Eu mesma vou acertar a situação!

Olhando para o rapaz, rangeu os dentes e disse:

- Seu moleque matreiro safado, minha vontade é dar em você com meu cajado, mas já vi que isso pouco adiantou. Se vai ficar aí na porta parado, desmoralizando meu trabalho, é melhor voltar lá para as bandas de onde seu pé arredou, antes que aqui apareça toda a sorte de santo pra fazer intercessão! Estou pronta pra isso não!

E tirando o andarilho da fila aos trancos, mandou-o a contragosto de volta para as terras vivas do sertão...

Uma bicada forte na cabeça acordou o rapaz. O carcará desceu em seu vôo audaz, pra buscar matar a fome na carne torrada do sertanejo.

De um pulo o caminhante se pôs de pé. Olho no olho com a águia sertaneja, lutou pela sobrevivência, porque pra lutar pela vida precisava de pouca ciência e muita garra pra viver. Debaxo do sol escaldante rodaram num balé feroz, estonteante, giraram numa gana veloz, cada um tentando garantir sua existência – bico e dente e pena e pelo e pata e braço, poeira levantou no espaço, coluna vermelha de terra em sangue pálido. No meio da poeira avoou o pássaro. Valeu a audácia do andarilho. Carcará ele também sabia ser. Tinha decidido, ali mesmo jamais iria morrer.

A ave sumiu nos tabuleiros reclamando baixinho.

A fome do rapaz aumentou com a luta voraz. Olhava para os lados e nada avistava mais que a imensidão árida e sozinha, a caatinga vazia, com vento quente a lamentar. Seguiria para qual lugar? Sempre em frente, até o tal brilho finalmente encontrar. Sem atinar no que fazia, apertou no peito seu Sagrado Coração de Jesus, subiu no juazeiro pra tentar qualquer coisa observar, qualquer coisa que pudesse seu rumo melhorar. Alguns metros adiante enxergou uma velha tapera de barro batido, de onde um fio de fumaça desvalido, subia tímido pelo velho teto de palha.

Alcançou forças para correr até a palhoça desbotada, de onde vinha um cheiro de brasa e aroma de pão de milho. Bateu palmas para ver se seria atendido:

- Aqui quem chama é de paz!

A porta estava aberta, deixando visível um pequeno altar onde estranhamente nenhum santinho habitava, apenas uma vela acesa seu fogo crepitava, iluminando fracamente a parede da humilde casa.

O rapaz esfomeado gritou novamente.

Do interior uma voz respondeu docemente, uma senhora apareceu sorridente, cabelos grisalhos, pele tostada de sol.

- Bem vindo seja meu filho. Como posso eu lhe servir?

- Estou com muita fome! Sem comer meu caminho não poderei prosseguir! - respondeu o rapaz.

- Sou uma pobre viúva solitária, com apenas um último pão de milho assando no forno de lenha. Mas jamais deixarei que quem a mim venha, com fome e necessitado, fique ao relento largado, nessa terra pra morrer. Vamos ver o que se pode fazer. Tenho pouca matéria e muita fé.

Na casinha tudo era muito pobre, apenas a fé nobre deixava o lugar iluminado. A senhora percebeu o olhar do rapaz preocupado. Ele não queria ter de tirar dela seu último bocado.

- Tenha receio não meu filho. Aqui nunca faltou alimento pra viver. Tem uma coisa que você ainda deve aprender. Acreditar em Deus é também um grande prêmio para ti na tua estrada. A sua busca será bem recompensada, quando a fé no teu peito crescer.

O rapaz se impressionou com a força daquela mulher idosa, com sua fé valorosa, que nada parecia poder conter. Comeu o pão sem mais nada pensar dizer. Do último gole d'água restante na moringa, ela encheu-lhe um copo até a borda, depois deu para ele beber.

Uma coisa intrigou o Andarilho. Como da sua busca aquela senhora poderia saber? Era coisa difícil de responder. Mas ele estava consciente dos mistérios de sua terra. Guardou para si o conselho da sábia anciã.

Beijou-lhe as mãos em profunda gratidão, sentindo pulsar forte o coração, ao tocar naquela mulher que acabara de lhe salvar a vida. Sobre ele, um olhar de mãe ela lançou e num sorriso suave seu caminho abençoou:

- Vá menino, siga na luz a sua sina. Vá aprender o melhor desta vida. Encontre aquilo a que tua alma mais almeja.

O Caminhante se foi, olhando para trás, acenando até perder a casinha de vista, o peito estufado de sentimentos, adentrando numa touceira de mandacarus azuis, mergulhando em profundos pensamentos. E a barriga cheia de alimento agora lhe dava muito mais alegria.

No lugar onde ficara para trás a choupana, uma névoa densa, muito estranha, invadiu toda a extensão do tabuleiro, cobrindo os pés de juazeiro, parecendo madrugada fria. Porém nem era hora de aleivosia, assombração ou coisa parecida, pois de céu azul lá ia indo o dia, pelas horas do primeiro entardecer. Mas a tal neblina continuou a crescer e crescer e crescer. Depois foi

baixando rapidinha como se nada ali estivesse a acontecer. No lugar do casebre, apareceu uma capela miudinha, uma capela pequenina, onde nem um homem direito podia caber. A palhoça acabara de desaparecer.

Dentro da capelinha o altar humilde continuava, sustentava a vela que iluminava, no centro, entre flores plásticas, a imagem de Nossa Senhora Aparecida...

Outra vez ele acabou alcançando a estrada. Meio atrapalhado, olhou para todos os lados - tinha pegado o rumo errado para chegar ao brilho no meio dos matos? Botou o dedo na boca, sondou a rosa-dos-ventos. Precisava nenhum lamento. Estava indo pro lado certo, na linha do pôr-do-sol. Dali em diante a estrada de pó dourada seguia aquele rumo só.

Brincando perto de uma cerca abandonada, dois meninos corriam de pés descalços, rodopiando no pó dourado, levantando poeira. Perto deles descansava um papagaio, assim colorido de verde, empoleirado, cochilando entre olhos semi-cerrados e sonolentos curupacos.

Ao verem o jovem caminhante, os dois irmãos alegremente se aproximaram, com aquele jeitinho curioso de meninos do sertão. Gargalhando bem alto, ao seu redor saltitaram e numa pequena ciranda os três se juntaram. Andarilho lhes ensinou uma canção:



*A Barata diz que tem sete saias de filó*

*É mentira da barata, ela tem é uma só*

*Ah ra ra, íá ro ró, ela tem é uma só !*

*A Barata diz que tem um sapato de veludo*

*É mentira da barata, o pé dela é peludo*

*Ah ra ra, Iu ru ru, o pé dela é peludo !*

*A Barata diz que tem uma cama de marfim*

*É mentira da barata, ela tem é de capim*

*Ah ra ra, rím rím rím, ela tem é de capim*

*A Barata diz que tem um anel de formatura*

*É mentira da barata, ela tem é casca dura*

*Ah ra ra, íu ru ru, ela tem é casca dura*

*A Barata diz que tem o cabelo cacheado*

*É mentira da barata, ela tem coco raspado*

*Ah ra ra, íá ro ró, ela tem coco raspado ”*

As crianças caíram na risada solta. Acharam bonito mesmo sem entender nada. Eram eles de poucas palavras, sem nenhuma instrução. O papagaio ficou imitando as gargalhadas. A mãe dos garotos que estava na sombra cochilando levantou afogueada. Logo viu que não era nada, aproximou-se sorrindo em poucos dentes. Magra, maltratada pela jornada de existir, trazia nos olhos um eterno sorrir, de guerreira indisposta a desistir de continuar pelas bandas da vida. Tinha ainda um brilho de sonho. Quis saber de onde vinha o rapaz risonho, ficou admirada ao saber o que ele fazia ali.

- Eu também tenho sonho! – disse ela olhando perdido o infinito sem nuvens – A seca aqui não perdoa o sonhador. Mas há de sempre haver esperança, pra quem labuta nesta andança.

Contou sua história de um jeito confuso – não possuía cartilha nem estudo para saber se fazer bem entender. Vinha de longe com a família, fugindo da seca, da dor, da tristeza, de minguar sem ter comida, arrastando-se pela vida sem ter muito pra fazer. “A gente precisa aceitar nossa sina, mas nem por isso deixar de caminhar pra frente”, disse ela numa filosofia simples e inteligente, de quem concorda com destinos, sem esquecer de desejar mudanças. Parecia sustentar a fé comum ao povo do Nordeste esquecido. Porém tinha pouco pra dizer.

O rapaz ficou assim, meio entristecido, de ver uma família em tal situação. Pareciam menos pessoas do que bichos, assim soltos pelo mundo sem paragem, sem saber o término da viagem, da longa trajetória de existir sem existir. Pensou em sua mãe, sua vila, sua casa, sua terra. Sentiu saudades

deveras, mas voltar nem pensar. Tinha que ao fim da jornada chegar, para sua descoberta compartilhar.

Do mato, saiu uma cachorra barriguda, saltitando em alegrias de cão, seguida de um homem com um teiú na mão. A cachorra de pelo alaranjado balançava o rabo empinado, alegre com tamanha empolgação. Havia caçado um lagartão.

Chegou-se até o desconhecido, lambeu-lhe o pé num cumprimento amigo, num jeito de olhar profundo. Aquele animal parecia ter pensamentos de gente. Parecia querer tecer comunicação. O rapaz quase achou que ouviu uma apresentação: - Meu nome é Baleia! Satisfação!

O homem com o lagarto na mão veio todo atrapalhado, veio todo cabisbaixo, sentindo-se envergonhado com a presença do estranho. Parecia uma fera do mato, de olhar atravessado, em tremenda confusão. Parecia que nome também não tinha não, porque nem se apresentou. O que significava aquilo nosso Senhor? Quem era bicho e quem era gente naquela hora, por favor?

O viajante resolveu seguir sua caminhada. Despediu-se em poucas palavras. Não queria o almoço deles atrapalhar. As crianças se despediram a acenar. A mulher generosamente o convidou para almoçar. O homem grunhiu qualquer sentença difícil de se interpretar. A cachorra o acompanhou por uns instantes, arfando sons interessantes, como a dizer frases de boa sorte ou qualquer coisa sobre cuidados na jornada. Era uma cadela bem intencionada. Parecia haver cheiros de suçuarana por aquela parte da estrada. Todo cuidado era

pouco, ela parecia recomendar. O Andarilho abaixou-se para sua cabeça afagar. A cadela latiu um latido de adeus. Voltou para os seus rastreando o vento. Havia onça pelas baixadas com certeza naquele momento...

O rapaz continuou sua andança. Ficou admirado com a beleza de uma baixada, surgida do lado direito da estrada, imenso vale onde tempos atrás passeava um rio. Na outra extremidade reconheceu as montanhas outrora azuladas pela distância, avistadas da caverna do velho vidente. Entusiasmado, todo contente, achou que estava mais próximo de encontrar seu destino. Tinha ele coração de menino. Saltitou de pura alegria.

Nuvens brancas percorriam o azul lapidado de safira, parecendo cavalos alados em lenta corrida. Pégasus esfumaçados, empurrados pelo vento nas alturas. O nosso amigo sentou-se na beirada da encosta a fim de contemplar tamanha belezura, imaginando coisas de outras terras. As nuvens e o vento vinham de lugares distantes, trazendo histórias de outros caminhantes, relatos de aventuras, visões de batalhas, traçados de mil estradas, lindas paisagens - e o vento, muito danado, tudo que via relatava, para quem quisesse e pudesse escutar.

Andarilho abriu os braços para o vento abraçar. Em poucos instantes um sussurro manso começou a escutar – era a voz do vento conversando casos, contando lembranças, movendo seu rico imaginário. Falou de distantes cenários, de outras terras, mocinhas bonitas, relatos das tristes guerras, dos homens e suas ambições, dos castelos, dos palácios, das riquezas, da pobreza espalhada em todo canto. Trouxe também em sua voz os sons de um belo canto, música, violinos, orquestras, sons nunca antes ouvidos pelo audaz Andarilho. E o vento dançando ao seu redor era ao mesmo

tempo dançarino e sinfonia, empurrando folhas, balançando capins, soprando poeiras, deixando a tarde mais feliz. Formando redemoinhos de areia.

Contou-lhe somente das coisas que via, mesmo o que para os seres humanos comuns inexistia, como a respeito do lugar entre montanhas aonde quem chegava jamais envelhecia. Ou dos potes de ouro ao fim do arco-íris.

- É preciso conservar o sonho da infância - o vento a ele dizia - para descobrir o melhor mundo para se viver. Você está na rota certa, seu sonho jamais permita esmorecer. Siga o brilho dos teus olhos, sua juventude não deixe desaparecer. Continue guardando o menino e todas as coisas serão fáceis pra você.

Dito isto, desceu a encosta ligeiro transformando-se em ventania. Ia seguir para longe, levando suas palavras aos que pudessem e conseguissem ouvir.

O rapaz respirou fundo como se faz logo ao amanhecer. Sentia-se renovado ao cair o entardecer, parecendo nem ter empreendido caminhada tão longa. Pensou nos encontros, nas histórias pelo caminho, nas pessoas que tinha conhecido, viu que só caminhar já havia valido. Apurou bem a visão a fim de analisar a situação. Avistou novamente o brilho no mato, perto de onde a estrada começava a subir a serra, quando o fim da tarde deixava nos pés das montanhas os primeiros sombreados.

Desceu a encosta apressado, mergulhando no ventre da imensidão da terra aberta, do vale de beleza encantado. Lá

embaixo, junto ao leito sem água de um rio, encontrou com as mãos para o alto uma rezadeira, rogando a Deus nosso Senhor para ajudar a parteira, dentro de uma casa feita de galhos de aroeira, a fazer nascer um menino no ventre atravessado. Lá de dentro da casa ouvia-se o choro de dor de uma mulher, um lamento angustiado.

A rezadeira olhou o rapaz se aproximando e foi logo gritando:

- Seu menino, você foi do céu enviado! Que pra Deus abençoar este parto, a moça lá dentro tem que segurar o Sagrado Coração de Jesus! Isso aqui agora no ouvido me foi avisado!

O Caminhante tirou a medalha do pescoço bem ligeiro e a rezadeira num segundo a casa adentrou. Era uma casinha bonita de varas de aroeira coberta de folhas verdes e frutinhas de rubi. Por baixo dela passava um lençol de água que cada vara alimentou. Deu raiz, deu folha, deu flor e a casa inteira se enfeitou, criando um cenário inusitado, explosão de alegria e cor.

O choro de recém-nascido no ar ecoou. De repente, mais um minuto seguido, outro choro parecido, da mesma fonte brotou. Parto de dois meninos! A parteira pulando gritou. Prenúncio de fartura, riqueza, boa sorte, vida longa, felicidade e amor. Cosme e Damião Doum, esta data feliz eu me lembro! Alegrementemente a rezadeira cantou.

Como o pai das crianças havia morrido antes do nascimento dos meninos, a incumbência de soltar um rojão ficou nas mãos do Andarilho, que a parteira muito velha e experiente olhando a

barriga imaginou: - Isso é coisa de dupla de gêmeos sim senhor! – trouxe um rojão a fim de garantir a situação. O fogo de artifício no firmamento pipocou. Popororopopou! Popororopopou! Duas velas foram acesas para cada santo protetor.

- São Cosme mandou fazer duas “camisinha azul”, no dia da festa dele, São Cosme quer caruru! – dançando as duas senhoras cantarolavam, enquanto os fogos no céu pipocavam.

Nascimento duplo representa uma festa na aridez do sertão.

O Viajante pôs de volta o medalhão e seguiu com grande satisfação...

Sobre o leito seco do rio a estrada tinha uma ponte – dava tristeza ver um rio daquele tamanho ir murchando sem água. Na areia afogada, espinhas de peixe prateadas, brilhavam ao toque alaranjado do sol da tarde que pouco a pouco ia embora. Por toda aquela extensão sem vida, pedrinhas redondas, coloridas, enfeitavam o lugar onde outrora tantas águas viram passar. Pedrinhas de vários formatos e tamanhos; pretas, verdes, transparentes, matizadas, vermelhas, marrons, rosadas, refletindo em suas cores os raios do astro rei que em pouco tempo dormiria por trás da montanha mais alta.

O rapaz observando tamanha beleza nas coisas simples pensou: Onde se acredita encontrar apenas o vazio, onde só se enxerga tristeza, existem outras riquezas escondidas aos olhos desatentos. Há formosura onde parece existir somente aridez. Alegria e tristeza, horror e beleza são partes unidas na jornada da vida. É preciso isso aprender.

Do outro lado do leito, com uma pá, um homem cavava um buraco e parecia baixinho chorar. Ao seu lado, em cima de uma pedra maior, uma velha caixa de sapato coberta por rosas transparentes enfeitava o corpo inocente, de um bebê morto naquele exato dia.

Andarilho lembrou imediatamente dos pensamentos seus ao leito do rio atravessar. Havia grande alegria do lado de lá - festejo pelo duplo nascimento - agora grande tristeza do lado de cá - um pai enterrando seu pequeno rebento, que nem tivera tempo de o mundo admirar. Era muita filosofia pra se maquinar. Era coisa difícil de se atinar. Vida e morte, chuva e

seca, cura e doença, alegria e tristeza, fome e fartura, sorte e desventura, amor e solidão, paz e guerra, silêncio e canção, lucidez e cegueira, cegueira e visão, cuidado e esquecimento, ódio e paixão – um mundo de acerto e confusão.

Ao ver o rapaz, o homem desatou a chorar, sem mais as lágrimas poder segurar. Sete filhos havia perdido, sete netos já tinham morrido, parecia demais tanta dor agüentar. Por que Deus a ele também não vinha logo buscar? Porém em nenhum momento dos lábios do pobre homem se escutou qualquer praguejar. Ele apenas estava cansado de nessa lida tanto lutar.

- A morte, meu fio, é uma passagem pra um lugar bem melhor. Mas aqui quem fica vai se sentindo tão só que prefere desse mundo logo partir. Do meu único fio que ficou vivo a morte sete fios levou, depois ele mesmo partiu e este velho aqui ficou, solitário sem ter com quem se esquentar, por que minha esposa a morte também tratou de carregar. Agora que me juntei com uma mulher bem novinha e fiz um outro menino, a tnhosa da morte pega a criança pela pneumonia, deixando este velho sem outra saída a não ser chorar e aceitar a dureza da sina.

Pegou a caixa cuidadosamente, mostrou ao rapaz o rosto do anjinho dormente, um bebê recém-nascido. Parecia esboçar um sorriso, pois a morte só causa dor aos que procuram da vida muito entender - aquele bebê nada podia saber ou querer, por isso se foi deixando marcado em seu rostinho o riso.

Em prantos o homem enterrou o filho, enquanto cantava uma canção de ninar. Acendeu uma vela branca para que os anjos

iluminassem o caminho por onde o anjinho fosse passar, até chegar ao lugar onde ficaria morando. Andarilho acabou chorando, com pena de ver o velho naquela situação. Abraçou-o com carinho, seguindo novamente seu caminho...

Aproximava-se o momento por ele esperado, chegava perto a hora de alcançar seu sonho mais almejado - encontrar finalmente seu tesouro desconhecido. Caminhou bem decidido, visto que o pôr-do-sol mais e mais se achegava. Lembrou-se de uma canção, cantou bem alto o refrão, cabeça erguida, assovios, palpitar alto do coração. Quanto mais perto ficava, mais menino seu ser se sentia, quanto mais terreno alcançava, mais homem ele também se fazia, numa via dupla de meninice e maturidade, pois se tinha pouca idade, muito ali havia crescido – era agora homem e menino. Enfrentar a vida com coragem faz o cabra ficar fortalecido.

Um barulho chamou a sua atenção. Ouvia o som de cascos de cavalos chegando apressados na sua direção. Pareciam vir em bando numa grande profusão, carregando cavaleiros, um grupo de arruaceiros comandados por famoso ladrão - o temível Peixeira de Prata, que por onde passava deixava tristeza e desolação.

Andarilho foi pego de surpresa, sem ter tempo de se esconder. Os homens em seus cavalos ao seu redor rodopiaram, mostrando as garruchas e espingardas, os revólveres e as facas, procurando intimidação. Gritavam querendo assustar o moço, procurando ver no seu rosto as marcas do pavor. Naturalmente assustado ele ficou. Ali no meio do mundo sozinho, sem ter sequer um amigo para dar-lhe proteção. Foi grande judiação! Mesmo assim ergueu a cabeça.

Tomaram-lhe a sacola de pano, jogaram no mato as coisinhas que lhe pertenciam. Garrafa de água vazia, caneca de lata,

retrato da mãe, cobertor, a escova de cabelo. Nada encontraram de valor, causando neles imenso furor, pois andar naquelas bandas sem nada para ao bando oferecer era coragem demais ou vontade de morrer. O próprio Peixeira de Prata sem demora se manifestou:

- Seu Moleque desgraçado, por acaso nunca te avisaram que eu sou o rei destas paragens? Ninguém aqui empreende viagem sem antes me pagar algo pela passagem. Eu sou Peixeira de Prata, o rei do sertão! Se você vem com nada nas mãos é porque tem peito pra me afrontar! Eu vou é sem demora te esfolar!

Andarilho nada disse, mas de olhos fixos no bandido temido, demonstrou-lhe sua aversão. Aquele nome lhe trazia enorme chateação. Muita gente foi morta e maltratada pelo sanguinário ladrão. Por uns instantes o desordeiro sentiu-se desconcertado pelo tamanho impacto do olhar ousado do jovem em desaprovção. Ficou muito surpreendido diante da coragem do rapaz.

- Você tem um jeito muito destemido seu moleque desenxabido, enfrentando-me com este olhar. Por ser assim tão corajoso eu pouco vou te maltratar. Com uma bala só eu vou deste mundo lhe tirar, porque quem tem tamanha coragem de assim me enfrentar não merece morrer devagar. Escolha já onde quer receber a bala certa, a bala ligeira que desta terra vai te ausentar.

O Caminhante estufou o peito e sem demora gritou:

- Escolho um tiro no peito, onde guardo minha alma! Um tiro no coração, onde carrego minha emoção! Posso dizer que morro sem medo, pois pedir clemência pra um bandido sorrateiro e sem compaixão é pecado sem absolvição.

O bando inteiro ficou estupefato com a raça do jovem sertanejo. Peixeira de Prata se viu ainda mais surpreso, era valentia demais pra um moleque de metro e meio. Talvez fosse melhor repensar a questão. Um cabra daquela marca seria boa aquisição.

- Moleque desgramado dos infernos, nunca vi por aqui tamanha ousadia! Já vi foi homem macho se borrando diante da arvelia de me encontrar sem querer me enfrentar. Agora vem um filhote de nada com as mãos vazias, sem arma, sem garrote, e tem ainda o topete de me desafiar! – coçou a barba negra numa atitude pensativa – Acho que em vez de te matar, é melhor no meu bando te conservar! Sua coragem demonstra maior serventia.

Num tom mais desafiante nosso amigo lhe respondeu a proposta:

- Pois eu preferia minha mãe morta se tivesse de fazê-la passar por tamanha vergonha de seu filho único ver tomar esse destino infame! Prefiro ter meu sangue na terra derramado antes de ter nas mãos dinheiro manchado da miséria de tanta gente! Atire no meu peito seu bandido descrente! Vou morrer contente!

Os olhos do Peixeira chispavam arroxeados de cólera. Um estampido ecoou pelas montanhas afora. Um tiro cruel e certo. Brados de vitória misturaram-se a um grito de dor. Andarilho, pressionando o peito cambaleou, cambaleou e na terra dourada vagorosamente se ajoelhou em dolorosa reza, caindo imóvel no solo. Os cavaleiros em festa deixaram o corpo inanimado para os urubus se banquetearem. De um tiro do Peixeira jamais houve quem se salvasse. Afastaram-se todos sentindo indescritível prazer. Este pobre cachorro decidiu morrer!

O vento triste num sussurro suave, tocando o cabelo do rapaz inerte, trouxe o silêncio dos cascos distanciando-se, o piar de uma ave ao longe, a voz de alguém cantarolando ao pé das montanhas. Tudo era distância... Ecos... Distância... Os sons se perdendo na solidão do pôr-do-sol, silenciando-se na vermelhidão do arrebol, fonte de sangue brotando na linha do horizonte, lamentando a crueldade dos homens...

Das bandas do além, com toda a solenidade que a uma ocasião destas convém, surge das brumas do outro lado, empunhando seu pesado cajado, a senhora Morte em seus negros andrajos.

- Finalmente eu posso levar este danado! Só de morte matada para embarcar com este moleque ousado. – disse ela tentando esconder sua alegria.

Para a Morte pouco importava o modo com que se morria. E ainda pouco importa.

Ela debruçou-se procurando trazer o rapaz caído, levar dali seu espírito, deixando o corpo no chão. Porém a alma nem se mexia. O que será que acontecia? Perguntou ela elaborando uma difícil questão. Ele tinha morrido de morte matada e ela havia tudo assistido, agora o tihoso do menino não tirava o espírito do chão!

Dona Morte remexeu, remexeu e nada, ao toque da sua fria ossada, Andarilho finalmente demonstrou alguma movimentação. Mas não estava morto não! O tiro bateu direto no Sagrado Coração! Mas que situação!

Dessa vez a Encapada teve algum tipo de chilique, um piripaque, um tremelique, verdadeiro “Deus nos Acuda”. Rodou imitando bailarina espanhola, praguejou usando palavras impróprias, estrebuchando e rolando na terra. Depois entrou em crise e chorou, chorou e esperneou, chorou e berrou, chorou e quase se rasgou, até ser amparada por dois anjos numa carruagem que dali a levou...

Andarilho tocou o medalhão amassado. Quantos mistérios os mistérios guardam? Milagres são para ser vividos. Vivos milagres vivos, entre os viventes crentes e descrentes, para que todas as perguntas confusas tragam respostas confundidas. O que significa a vida, senão milagres e milagres todo dia?

Seus olhos marejaram em torrentes, chuva de lágrimas, inundação, misto de água salgada e gratidão. Da tela de seu olhar molhado surge real a miração, miragem cravejada de emoção, imagem de materna devoção, lembranças da mãe fervorosa, que antes da saga ardorosa, entregara-lhe a fé no medalhão. Suas vistas turvadas por lágrimas encaram ao longe mítica aparição - a senhora equilibrando a lata cheia d'água, de qualquer poço perdido na solidão; lata na cabeça, coração de imensidão. Da força das mãos, das mãos do sertão, é que brotam os milagres.

Seu peito explodiu de saudades.

Quantas vezes, ainda pequenino, avistou sua mãe na distância, carregando o líquido barrento como se carregasse esperanças? Equilibrando no alto sua perseverança em viver? Cada braço uma força que naquela terra não cessa, força que nunca seca num lugar onde quase todo poço já secou.

Toda mulher sertaneja carrega um sorriso iluminado de sol. Um poço de riso sem fundo, mesmo tendo na garganta um nó. Sorriso e sol, esperança e pó, cantoria e nó, pelas estradas vão seguindo a pé, pássaros sem ninho, cada passo cansado aumentando-lhes a fé, fé cultivada para alimentar seus filhos.

O jovem caminhante enxugou os olhos e continuou seu caminho.

No alto, próximo à linha das montanhas, o céu ruborizava, abrindo seus dentes de nuvens vermelhas, seus portais de brasa, deixando a porta aberta para a noite que em pouco tempo chegaria. Os pássaros de arribação saíram em revoada, procurando pelos galhos desnudos qualquer lugar que lhes servisse de casa, até outro dia ver brotar. Tinha periquito-vaqueiro, rolinha-picuí, arapaçu, pica-pau-anão, papa-capim, avoantes, chorozinhas, pombinha caldo-de-feijão e bigodinhos, todos em eufórica animação...

Andarilho avistou alguém se aproximando do lado contrário, vestindo roupas finas que refletiam a vermelhidão do firmamento, caminhando em passo lento, sobre o céu coalhado de passarinhos. Trazia nas mãos a caixa de madeira em detalhes trabalhada – era a velha da estrada, que há tempos ele havia encontrado. Agora ela carregava consigo as marcas do sorriso, cabeça erguida, novos vestidos, rosto brilhando como pérola antiga tocada pelo sol. Seus olhos, na luz vermelha do arrebol, pareciam dois rubis cintilando brasas de fogueira de São João. As aves de arribação cantavam alegres à sua passagem.

- Veja se não é o menino! – disse a velha sorrindo ao reconhecer o jovem amigo. – Eu estou retornando de minha jornada. Vou voltando para casa, como um alegre passarinho.

Abraçaram-se um momento. Andarilho parecia tomado de surpresa.

A velha sabia que suas roupas vistosas, antes rotas e cinzentas, atiçaram a curiosidade do rapaz. Como transformar vestes bolorentas em trajes nobres? Ela conhecia o teor de seus pensamentos:

- Não procure entender ou ouvir dos outros qualquer resposta, pois o tesouro procurado se encontra atrás de sua própria porta, ao longo do seu próprio caminho.

O rapaz ficou matutando no que ela acabara de dizer.

- Agora vá que o tempo custa pouco a correr – continuou a anciã. – Tome para si esta pesada caixa e na hora vai saber o que deve fazer.

Entregou-lhe a caixa e sem mais demora foi seguindo em frente.

- Descobriu o que queria finalmente? – perguntou o jovem curioso.

A velha respondeu sim e partiu simplesmente, o véu de aves sobre a cabeça, o corpo envolto em luz vermelha, ao vento os cabelos acobreados. Caminhava em passo calmo, passo de quem no fim dos dias encontrou o maior dos prazeres almejado. Sem pressa, sem ânsia, sem fardo pesado.

Novo sentimento de ânimo tomou o caminhante, enchendo os pulmões do ar da tarde aconchegante, saboreando a beleza do seu adormecer. Montanhas rosadas, nuvens em brasa, castelos fumegantes. Passarada em revoada, terra encantada, céu dourado-brilhante. Mar cor-de-abóbora onde navegam canoas de sonho, sonhos navegando, na profundidade do entardecer...

Por trás de um grupo de caraúbas, floradas de amarelo intenso, perto de uma encosta pedregosa, pela qual se espalhava um vale imenso, onde urubus-de-cabeça-vermelha voavam docemente a procurar abrigo, o rapaz percebeu o flamejar de um forte brilho. Pelo jeito ele tinha chegado ao seu destino. Adentrou pela profusão de caraúbas, sobre o teto de flores colorido, até alcançar do outro lado o brilho que havia visto.

Parou completamente extasiado. Mal podia acreditar na imagem à sua frente. Naquele pedaço de terreno encantado, uma placa nobre de metal prateado, indicava aos viajantes o nome da visão exuberante: ÁRVORE DO SONHO. E logo mais abaixo um poema dava indicações para seu uso:

*Existe razão de existir neste mundo  
Quando do sonho a realidade se espelha  
Pode um jovem almejar a guerra  
Enquanto o velho espera da morte a paz  
Teu desejo é tu quem o fazes  
Sem máscaras nem disfarces  
Pois no lugar onde teu tesouro guardes  
Aí guardas também tua verdade  
Podes almejar apenas sabedoria  
E com ela construir rica simplicidade  
Podes ansiar riqueza a qualquer custo  
E com ela construir uma mansão vazia  
Mas pouco adianta tentar fugir da tua realidade  
Tu és o teu desejo mais forte  
E não importa se ele é mesquinho ou nobre  
Tua escolha a ele te levará  
Mesmo que a mil homens tenhas de assassinar  
A tua vontade sempre vai prevalecer  
Enquanto não souberes quem tu és  
Pelos desejos serás dominado  
Enquanto no fundo pouco te conheceres  
Assim da Árvore escolhe um único anseio  
Colha teu mais forte desejo  
O tesouro que a tua vida satisfaz  
Depois se te arrependeres  
Só o tempo irá dizer  
Agora do fruto da Árvore deverás colher  
E quem sabe um dia a ti mesmo entenderás*

O rapaz ficou pensativo, ergueu os olhos para contemplar o mágico arvoredo que à sua frente se erguia com imponente beleza em seu tronco de ouro maciço. Dos galhos abundantes, pendiam centenas de objetos coloridos, indo de cordas para amarrar os maridos, até tesouras para cortar chifres de corno manso. Tinha casinha de cachorro de onde sairia alegre um filhote, se fosse este o dote almejado por alguém. Tinha bola de futebol, ovos de Páscoa, fitas de seda, correntes de prata, colares de pérolas, baús com riquezas e uma infinidade de belezas capazes de encher a visão.

Havia ainda objetos mais raros, como o cálice de onde jamais o vinho acabaria, a panela que sua própria comida produzia, a ampulheta contendo um gênio encantado capaz de num piscar de olhos fazer um grande e único desejo ser realizado.

A maçã emagrecedora, a máscara transformadora de feiúra, o elixir da eterna juventude, o remédio para todas as curas, as chaves do palácio da riqueza. Tudo disponível a quem apenas a mão estendesse e escolhesse a sua preciosidade.

O rapaz ficou confuso de verdade. Como escolher aquilo que em si mesmo desconhecia? Bateu em sua cabeça questão incisiva, lembrando do poema lido momentos antes, sem saber a melhor forma de proceder.

No firmamento ele viu a primeira estrela aparecer, quando o sol aconchegou-se em sua cama no horizonte e lá detrás dos montes a lua cheia veio seu brilho branco trazer, platinando a árvore e seus objetos, vestindo de luz fluorescente os versos

de prata, a terra dourada, a pele amorenada do jovem sertanejo.

Em sua frente a cortina da noite o envolveu, deixando ver na distância do desfiladeiro as luzes de uma cidade muito grande, caixinha de diamantes, cintilando em estonteantes arranha-céus. Deveria para lá seguir e uma vida nova construir, ou lançar mão de outro desejo? Deveria escolher glória, dinheiro, mansão, carro importado e muita orgia, ou a delicadeza da sabedoria? Nunca se sentiu tão confuso assim.

Olhando a bandeira branca no céu a levantar, a saudade veio outra vez lhe visitar, lembrando de sua gente deixada lá atrás. Estava assim meio que baratinado, sem reconhecer o alvo por ele almejado, sentindo por dentro sua alma revolver. Não tinha mais idéia da atitude a desenvolver. Percebeu no íntimo uma necessidade maior a reconhecer.

Guiado por intuição, mirou a caixa de madeira segura em suas mãos, desfechando o lacre para seu conteúdo enxergar. Abriu a porta lembrando-se das recomendações da velha: - Abra a caixa quando mais necessitar.

No seu interior, o reflexo de si mesmo tocou seu coração, o conteúdo da caixa de madeira era então um espelho quadrado onde via espelhado seu rosto moreno marcado de sertão, trazendo ainda traços de menino. Assim Andarilho acabou descobrindo que o tesouro mais caro se encontra dentro de cada ser.

Dos olhos muitas lágrimas vieram a escorrer, recebendo da prata lunar acetinado brilho, que a brisa, gota a gota, encarregou-se de recolher, confundindo-as ao piscar dos pirilampos, que ao redor da Árvore do sonho foram se achegando, piscando, piscando, piscando...

O moço compreendeu: o melhor da vida antes de tudo é em seu interior se conhecer, enxergar-se, amar-se, entender-se. Para amar mais a vida, as pessoas, os amigos, a família, captar os significados profundos do mundo, girando ao redor do mundo.

Olhou para si e já não era exatamente o mesmo, possuía outro olhar diante do espelho, olhar de conquista, de amor, de alegria infinita, por descobrir o maior tesouro a se querer. Suas roupas foram trocadas por vestes finas, brancas como os raios da lua menina, que lhe sorria das alturas do seu suporte de veludo e brilhantes estrelas onde acabara de nascer.

Girando em sua mente o moinho do mundo se fez roda-gigante de recordações, trazendo da estrada de antes todas as situações, as gentes encontradas em sua jornada, as vidas por ele passadas, histórias de muitos sertões, no giro da roda viva, em redemoinhos de emoções, construindo no mosaico de seu coração notas divinas em sua própria canção.

A velha, o povo na procissão, o vidente de barbas longas, a cangaceira, o carcará, a senhora que lhe deu pão, a família, a cachorra baleia, o nascimento na casa de aroeira, o canto da rezadeira, a alegria da parteira, a dor de um velho pai enterrando seu anjinho, a emboscada dos bandidos

mesquinhos, assaltantes de pobres na beira da estrada. Histórias, vidas, histórias, na velha roda, na roda viva.

Diante dele a paisagem se fez mais bonita, o vale se abrindo num largo sorriso, as luzes da cidade sumindo, ofuscadas pelo brilho do luar. Num galho pendente, bem à sua frente, um pequeno frasco chamou sua atenção. Enfeitado com relevos em esmalte colorido, continha em seu interior um líquido, transparente, parecido mesmo com água. Escrito em letras graúdas num rótulo assim estava:

### **Água de fazer chuva**

O burrego do seu coração cavalgou na vereda do seu peito, uma alegria gigante tomou conta dele inteiro, estava bem ali a melhor escolha a se fazer. No sertão novamente iria chover! Estendeu o braço colhendo o fruto caro, quando algumas palmas a ele vieram surpreender.

Assustou-se o Andarilho e quase de suas mãos o frasco veio a correr.

De trás da árvore saiu um *clown* de cartola na cabeça vestido num fraque de crochê azul bebê, bermuda azul turquesa, carregando no braço um boneco de ventríloquo que veio de lá todo se bulindo, em contraste com os movimentos tímidos de quem o carregava. Parecia um boneco vivo, tagarelando palavras velozes, batendo vigorosas palmas:

- Ei rapaz! Pare, antes de fazer qualquer besteira, pois a maior das asneiras é pensar no bem comum! Cada um se vire à sua maneira, agora deixe de besteira, escolha um desejo de riqueza para sua satisfação – disse o boneco amalucado, mexendo a cabeça pra todo lado, gargalhando como um fanfarrão.

O *clown* fez uma cara de desagrado, atirando sua cartola azul ao espaço, fez dela uma nuvem mágica aparecer e com o dedo indicador na nuvem começou a escrever:

- Existem dois lados do nosso ser, dois caminhos a se escolher, duas vozes opostas vivendo no coração. Uma dizendo para o bem fazer, outra dizendo para se importar apenas com você, causando tremenda confusão. Dê ouvido a este boneco maluco não!

Gargalhando mais alto o mamulengo endiabrado logo respondeu:

- Prefiro ser maluco a ser um pobre simplório, aqui estou a abrir os olhos, deste jovem desprovido de malícia. Quem tem pouca esperteza na pobreza do mundo mergulha, quem com astúcia neste mundo vive na riqueza se lambuza!

O clown voltou a escrever à luz da lua que na nuvem saída da cartola penetrava luminosa, dando visibilidade às suas letras:

- Quem ama demais a riqueza, na solidão seus dias termina, quem deseja de ouro uma mina, mas do seu povo logo esquece, pouco proveito consegue, pois no fundo da alma sozinho fica.

- Nada disso! O povo tem de se virar! Cada um conta de si tem que dar! – berrou o boneco girando a cabecinha. – Deixa esse sertão pra lá! Vai da cidade todo luxo desfrutar, esquece esse negócio dessa gente ajudar. Olha como fazem os políticos, prometem isso e aquilo pra mais dinheiro ganhar! Todo mundo quer em teta farta mamar! Esquece essa historia dessa gente ajudar! – o brinquedo vivo desembestou a falar. – Pa pa pa pa pa, pa pa pa pa, pa pa pa pa pa pa pa pa pa. pe re re pe re re pe re re pe re re pa pa pa... – querendo o rapaz azucrinar.

- Deixe o jovem tomar sua decisão final, pare de falar um pouco afinal! – pediu educadamente o *clown* com suas letras de luar e nuvem.

Porém o empestiado queria mesmo provocar:

- Pa pa pa pa pa pa pa pa pa, pe re re pe re re pa pa pa, pa pa pa pe re re pa pa pa... o mamulengo falava sem cessar.

De repente num repente, o *clown* que era mudo, de nervoso explodiu a gritar:

- Cala a boca boneco dos infernos! Cala a boca filho de cruz credo! Que ninguém é obrigado a lhe aturar. Deixa o rapaz pensar!

Andarilho deu uma risada gostosa.

O mamulengo tomou um susto tão medonho e ficou mudo, nunca mais a falar voltou. Os olhos arregalados, as mãos na gargantinha, num sufoco ele ficou. Bambeou, bambeou,

bambeou, revirou os olhos e desmaiou, do susto medonho que tomou.

O rapaz fez um sinal positivo para o amigo de cartola. Havia feito sua escolha preciosa. O frasco estava esperando para ser aberto. Despediram-se num breve aceno. O *clown* atrás do tronco dourado foi se escondendo, atrás do tronco dourado desapareceu...

Andarilho olhou à sua volta. Somente os vaga-lumes piscavam e no vale azulado a luz do luar seu lençol de camurça prateado abraçava as coisas por todos os lados. O rapaz se sentou numa pedra admirado. Quanto tempo sonhando com céu escuro e chuva caindo, seu olhar de menino, poucas vezes tal espetáculo havia visto. Sorriu para a lua desculpas pedindo – afinal, iria ofuscar seu brilho na capa de nuvens cinza.

Abriu finalmente a rolha que fechava o pequeno frasco. Como éter volátil a água perdeu-se no firmamento estrelado. Andarilho ficou de butuca, esperando um milagre rápido. Mas rápido nada aconteceu.

Teria a mágica dado errado?

A brisa revolvendo o mato, a lua no céu estrelado, a Árvore do Sonho e seus penduricalhos, os vaga-lumes brilhando, tudo em seu perfeito estado. Nada havia mudado.

Mas num rodopio de redemoinho, a brisa deixou seu sussurrar macio, tornando-se vento bravio, silvando alto um assobio farto, chacoalhando os galhos, deixando o cabelo do rapaz bagunçado. Um nuvem foram se achegando rapidamente, empurradas pela corrente, do vento lá nas alturas. Era um monte de nuvens escuras, carregadas até o gargalo de chuva e temporal. Uma coisa fenomenal.

Uma gotinha bateu no chão, chão de poeira muito seco, fazendo um barulhinho de contentamento – era a chuva caindo do firmamento, gotinhas esparsas até se tornarem cascata

farta, inundando de mar o sertão. Seria alucinação? Andarilho se beliscou inteiro. Era mesmo um verdadeiro aguaceiro.

Por todos os lugares a alegria foi brotando. O rio outrora sem leite entouou caudalosa melodia, pelas casas de Joãos e Marias retornou toda euforia. Nas plantações, o milho cresceu dourado e fresco. Poças d'água foram se formando, sapinhos foram coaxando, o capim antes marrom foi esverdeando, inundando de esmeraldas a cor parda do chão. Nas roças cresceu bonito o feijão; mandioca pra fazer tapioca na casa de dona Maroca; amendoim na casa de seu Joaquim; jenipapo no quintal do Geraldo; foi fartura por todo lado.

Andarilho estava todo molhado, pulando nas poças ao redor da Árvore do Sonho, cantando e gargalhando, abrindo a boca para deixar a água entrar. Abraçou o arvoredado e resolveu partir, pegar de novo a estrada e sumir, saudoso que estava de voltar para casa, ver com os próprios olhos a felicidade de sua gente.

Atravessou novamente o bosque de caraúbas amarelas, respirando o perfume de chuva, flor e terra, colhendo um buquê para sua mãe. Botou os pés na estrada molhada e sem saber como, num passe de mágica, estava de novo na porta de casa, na mesma noite de São João. As fogueiras queimavam luminosas, nas ruas coloridas bandeirolas brilhavam vestidas das gotas da chuva que passara por ali.

No céu estourou um rojão: - Viva São João! Viva São João e o milho verde! Viva São João e o brilho verde! Viva São João!

A sanfona comeu no centro, o povo todo apareceu cantando, o fim do estio festejando, agradecendo aos santos pela nova vida brotando, trazida pela água fresca do céu.

Na soleira da porta a mãe do rapaz apareceu. As flores amarelas ele lhe deu. Um abraço forte se sucedeu. No céu estourou outro rojão: - Viva São João! Viva São João e o milho verde! Viva São João e o brilho verde! Viva São João!

Alegria explodiu. Vida. Sertão. Alegria e canção. Muitas vidas, vida e chão. Alegria de sertão. Vida e paixão. Alegria e coração. Vida. Sertão...

...Quando acabei a história meus netinhos estavam como que encantados. Na fogueira restavam só as brasas, parecendo estrelas vermelhas num céu negro de carvão. Falamos ainda dos nossos sonhos, da força de viver, do quanto é importante ter uma chama de desejo para continuar a estrada da vida. Depois fomos para o calor do interior de nossa casa. Lá fora a noite continuou seu caminho, lá dentro o sonho cresceu no coração dos meus netos e eu pude dormir em paz...



Este livro é um produto BELUNA, de autoria do artista Alec Saramago, e execução coletiva.

[www.beluna.com.br](http://www.beluna.com.br)  
Telefax: (71) 3314-8457

---

Impresso pela EGBA, Salvador-Ba, em 2011

Editoração: Alex Freitas de Figueiredo (912891)



The background of the entire page is a dark, starry night sky. In the upper right, a large, stylized hand in shades of grey and brown reaches out, holding a golden key. Below the hand, a magnifying glass with a wooden handle and a lens reflecting light is positioned. The overall aesthetic is magical and evocative.

**RELUNA**

Este livro é uma prosa poética rica em figuras de linguagem e figuras de construção que conta a saga interna e externa de um herói do sertão em cuja companhia o leitor viajará à luz do tom pictórico que norteia a obra e que o levará a imaginar cada detalhe da impressionante narrativa. Percorremos aqui os meandros do sertão e a alma do herói que segue em busca de um sonho ainda sem face. Já o caráter rítmico e vivo confere à história uma agradável leitura que deixará o leitor intrigado e curioso para conhecer melhor o nosso sertão.

O vocabulário do livro é literariamente rico e mimetiza o ambiente sertanejo, aproximando o leitor do local em que se passa a história. É uma obra que tem um caráter local, mas que no fundo aborda temática universal do ser humano, seus anseios, seus medos, o seu eu.

Em síntese, senti-me navegando sobre o próprio sertão nordestino e sob a pele do herói. O leitor terá aqui uma fonte de conhecimento, arte e distração. Então, façamos também esta viagem que a boa literatura trazida por Alec Saramago nos propicia...

*Thiago Rebouças*



FOMENTO À CULTURA  
Fundo de Cultura

SECRETARIA DA  
FAZENDA

SECRETARIA DE  
CULTURA

